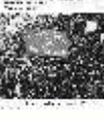


## LEGENDAS DAS FOTOGRAFIAS

|   |   |   |  |
|---|---|---|--|
| <p><b>1966</b><br/>Guarda na prisão do Aljube, em Lisboa, onde foram encarcerados muitos prisioneiros políticos</p>   |    |    | <p><b>1.º de Maio de 1974</b><br/>Revolução dos cravos em Portugal</p>   |
| <p><b>1966</b><br/>Lisboa</p>   |    |    | <p><b>1.º de Maio de 1974</b><br/>Revolução dos cravos em Portugal</p>   |
| <p><b>1966</b><br/>Lisboa – Sobrevive-se como se pode, mesmo a vender brinquedos para fazer bolas de sabão</p>  |    |    | <p><b>26 de Maio de 1974</b><br/>Sala Pleyel de Paris. Manifestação de patriotas portugueses contra a guerra colonial</p>  |
| <p><b>1966</b><br/>Lisboa – A pequena vendedora de alface</p>   |    |    | <p><b>Maio de 68</b><br/>Greve na Citroën em Paris – Às portas das fábricas, cartazes de grevistas</p>   |
| <p><b>1966</b><br/>Porto – ... a mão...</p>   |    |    | <p><b>Maio de 1964</b><br/>No Bairro de Lata de Champigny, um piquete de sindicalistas da CGT ajuda a orientar os recém-chegados e explica-lhes os seus direitos</p> |
| <p><b>1966</b><br/>Chaves – O pequeno pastor</p>  |    |    | <p><b>1965</b><br/>Contratação pela alvorada na Citroën, em Paris</p>  |
| <p><b>1966</b><br/>Chaves</p>   |    |    | <p><b>1965</b><br/>Ida para o trabalho de madrugada. Bairro de lata dos subúrbios de Paris</p>   |
| <p><b>1966</b><br/>Chaves</p>   |   |   | <p><b>1954</b><br/>Acampamento do Abbé Pierre em Noisy-le-Grand. De bairros de lata em bairros de lata... Lisboa... Paris...</p>                                     |
| <p><b>1966</b><br/>Nas montanhas de Chaves – A miséria acentua de forma impiedosa o rosto das crianças</p>  |  |  | <p><b>1964</b><br/>Avó portuguesa no bairro de lata de Champigny</p>   |
| <p><b>1966</b><br/>Nas montanhas – região de Chaves<br/>As casas são de madeira e está frio. Esta mulher decorou as paredes com jornais e organizou as panelas e as tampas como decoração! Os utensílios estão presos, ela não os usa... Para mim trata-se de um testemunho de resistência, de coragem! Um exemplo magnífico de "cultura"!...</p> |  |  | <p><b>1965</b><br/>Bairro de lata nos subúrbios de Paris. E agora, que futuro?... Chegou há poucos dias. Vai ter de encontrar trabalho...</p>                        |
| <p><b>29 de Abril de 1974</b><br/>Soldado com flor na espingarda<br/>Revolução dos cravos em Lisboa – Portugal</p>  |  |  | <p><b>1965</b><br/>Bairro de lata nos subúrbios de Paris. Regresso das compras no mercado vizinho.</p>   |
| <p><b>29 de Abril de 1974</b><br/>As pessoas saem da prisão e encontram os seus<br/>Revolução dos cravos em Lisboa – Portugal</p>   |  |  | <p><b>1965</b><br/>Menina adormecida no comboio Lisboa – Hendaia – Paris, durante a longa viagem de emigração.</p>   |
| <p><b>29 de Abril de 1974</b><br/>Revolução dos cravos em Lisboa – Portugal</p>   |  |  | <p><b>1966</b><br/>Uma televisão, sim! Porque os pais ainda não têm dinheiro para comprar uma verdadeira!</p>  |
| <p><b>1.º de Maio de 1974</b><br/>Revolução dos cravos em Portugal</p>  |  |  | <p><b>1964</b><br/>A forma possível para transportar os sacos de carvão ao longo dos caminhos de neve. É preciso aquecer-se! O Inverno é rígido!...</p>              |
| <p><b>1.º de Maio de 1974</b><br/>Revolução dos cravos em Portugal</p>  |  |  | <p><b>1964</b><br/>Bairro de lata em Champigny, caixas de correio...</p>   |

## OLHAR E VER

É como aquele que me perguntou um dia: «Com que máquina trabalha?» ... «Com uma pena de ganso», respondi eu. Como se alguém perguntasse a um escritor com que instrumento é que escreveu o seu livro... com uma máquina de escrever... com uma caneta... com uma esferográfica... com um computador? ... Já acaso pensaram que há uma diferença profunda entre «VER» e «OLHAR»? E sabem que não há nada menos objectivo do que uma objectiva fotográfica?

**Gérald Bloncourt**

As multidões que percorrem os museus de todo o mundo, em tristes e fatigadas bichas, atrás de um cicerone que cumpre o seu fadário de recitar nomes e datas, as multidões que atravessam galerias célebres com o guia turístico debaixo do braço, e esperando como única alegria e recompensa o poderem passar a cruz libertadora sobre um novo parágrafo do capítulo «o que é indispensável visita», nunca deram de certo pela diferença essencial que existe entre *olhar* e *ver*. Nem as tantas pessoas que cansativamente recuam e avançam diante de cada quadro numa exposição, mesmo nos casos em que não é preciso recuar absolutamente nada para apreciar a pintura exposta, riem os tantos críticos de arte dos «grandes jornais» que rapidamente vão escrever na redacção a sua crítica com os olhos no catálogo (para os quais a exposição verdadeiramente é o *catálogo*), e não raro se referem com rasgo encomiástico a quadros que, por infeliz coincidência, não chegaram a ser expostos...

**Mário Dionísio**